



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

O LÚDICO E O SENSÍVEL NO PROCESSO FORMATIVO DOCENTE

Débora Cristiane Carvalho de Souza (UFMS/CPAN)¹

Leandro Costa Vieira (UFMS/CPAN)²

RESUMO: Diante de um mundo globalizado em que as informações são geradas em segundos, nos deparamos com a consequência do conforto imediato, relacionamentos frios e distantes. Percebemos que a frieza e a rigidez são reproduzidas na escola em forma de uma educação para resultados imediatos gerando um ambiente escolar desconfortável com professores rígidos e alunos desmotivados, gerando um contraditório, já que em meio as superficialidades a escola deveria trazer o que há de mais profundo em termos de conhecimentos e vivências. Em face disso, esse estudo traz uma reflexão a cerca da formação docente e da educação do sensível, com o objetivo de investigar as contribuições da ludicidade na formação desse professor mais humanizado que contribui para o desenvolvimento inteiro e pleno do educando, que compreenda que a aprendizagem envolve o intelecto e a emoção. Verificar como práticas lúdicas podem além de formar vínculos afetivos, proporcionar um ambiente agradável para um aprendizado significativo. Essa pesquisa, de cunho qualitativa, buscou através de entrevistas semiestruturadas com sujeitos que se encontram em processo de formação inicial, juntamente com referenciais teóricos a relevância de uma formação lúdica e sensível que prepara o professor as diferentes realidades que se apresentem que os capacitam a uma prática de aproximação e afetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente; educação do sensível; ludicidade.

INTRODUÇÃO

Sensibilidade, leveza e aprender brincando. Talvez pareça e seja distante de nossa realidade esta percepção. Consolidou-se um mundo em que outras formas de se pensar e se perceber o bem viver, passaram a ser sinônimo (num tom pejorativo e mesquinho), de vencer o melhor. Essa pesquisa tem por objetivo investigar as contribuições da ludicidade na formação de um pedagogo (a) mais sensível ao outro. Uma reflexão sobre a formação do sujeito que se constitui técnica, social e sensivelmente para a constituição de outros sujeitos numa perspectiva lúdica e sensível.

A frieza dos relacionamentos são exemplos latentes de um mundo em que ser competitivo é mais valioso que ter relações afetivas e fraternais, olhar no olho do outro,

¹ Graduanda UFMS d.carvalho77j@gmail.com

² Docente UFMS lehanvieira@gmail.com



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

ter a compreensão e a sensibilidade de que o outro ao nosso lado também existe e também está em busca de seu lugar ao sol. Ser a melhor criança, a mais esperta, a mais inteligente... cobranças que vem desde a tenra idade, o falar cedo, andar cedo, as comparações com as outras crianças é inevitável, é sempre pra ser melhor, e, ao chegar aos bancos escolares, as comparações e cobranças aumentam, e de todos os lados, a família, a escola, a sociedade e a própria pessoa, precisa estar entre os melhores da classe.

Entenda-se “melhor” como quem consegue gravar mais conteúdos e reproduzi-los com êxito, e o êxito está relacionado com notas altas, nesse sentido ainda é oportuno refletir se esse conceito de sucesso por saber reproduzir como se exige reflete apreensão de conhecimentos. Os que não conseguem acompanhar acabam por ficar pelo caminho e muitas vezes são deixados de lado, se tornam invisíveis em sala de aula e ainda ouvem que são preguiçosos e não tem jeito de aprender e por fim acreditam nas falas daqueles que deveriam ser os motivadores da busca pelo conhecimento, seus professores.

Quando o professor passa a ver seu aluno como um ser completo, suas práticas também são transformadas, pois ele busca formas de fazer uma transposição didática mais criativa. A ludicidade tem sido eficiente na compreensão dos conteúdos para os educandos de todas as idades e em todas as modalidades de ensino, quando aplicado de forma adequada respeitando as especificidades de cada nível educacional.

O interesse por esta investigação se dá pelos encontros (idealizados) e os desencontros (das situações negativas) que se apresentam na escola e em seu cotidiano, quando do encontro com esta no processo de formação inicial em que desde a práxis pedagógica a organização geral da escola, passam a ser espelhos reflexivos sobre o aqui e o agora dos encaminhamentos da formação para a futura docência. Temos uma escola enraizada em conteúdos e mais conteúdos, que se enclausuram nas linhas e nas páginas de cadernos de crianças, adolescentes, jovens e adultos. E o conteúdo lúdico, do jogo, do brincar, do imitar como elementares em um outro processo cognitivo, motor e emocional, desapareceram das vidas dessas infâncias e humanidade?

Nessa pesquisa apresentam-se indagações e reflexões a partir de bases teóricas, que mostram as contribuições da ludicidade e afetividade na formação docente e conseqüentemente uma prática mais sensível e humana em todos os níveis de formação.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Uma prática de aproximação, de construção de vínculos afetivos. A desconstrução da ideia de que o jogo e o brincar não são geradores de conhecimento, pelo contrário, os teóricos afirmam ser esta ferramenta tão importante para a criança quanto para o professor, no sentido de autoconhecimento, reconhecer o outro, compreender limites e possibilidades.

Caracterizou-se este estudo de cunho investigativo, qualitativo, considerando a formação inicial de acadêmicos de Pedagogia do Câmpus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/CPAN, vislumbrando-se assim o entendimento sobre os olhares destes em relação a práxis lúdica e a formação humanizante/sensível do professor. Selecionou-se um acadêmico de cada semestre matriculados no segundo semestre do ano de 2019, provocando assim um embate e o encontro entre as respostas dos mesmos em relação ao tema, o que discutiremos mais adiante. A pesquisa tem como base as concepções de autores como Jean Piaget, Henri Wallon, Lev Vigotsky, Paulo Freire, Rubem Alves, Tizuko kishimoto entre outros sobre a importância do lúdico e do sensível no desenvolvimento da criança, a importância de uma formação sensível do futuro professor para uma prática humana e sensível, já que este será o responsável por interferir no desenvolvimento da criança através do processo ensino-aprendizagem.

Contextualiza-se nessa investigação a educação do sensível, uma educação que vai além dos conteúdos, está ligada a subjetividade do sujeito, ao relacionamento professor/aluno de forma que os dois se enxergam. Começa pelo olhar do professor para seu aluno, que não o vê como um depósito de conteúdos, mas como uma pessoa com capacidades e limitações e finalmente o seu educando o vê como uma pessoa tal qual ele é, não mais como um ser inalcançável, a consequência disso é aprendizagem e não digo somente para o aluno, mas para ambos. Como diz Guimarães Rosa (1994) “Mestre não é aquele que sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

Apresenta-se também a importância de uma formação inicial sensível e humana. A educação se baseia em humanos que formam humanos, não somos robôs muito menos os alunos, o caminho percorrido na Universidade não é só de acúmulos de conhecimentos técnicos e científicos, pois não é só isso que compõem o perfil de um profissional educador, é importante que a sua formação perpassasse pelas militâncias, pelos problemas, pelos sucessos e insucessos, tais experiências compõem o ser social e lembrando que a academia não torna o professor completo, porque nunca o será, mas



mais pronto a sentir e transformar-se. Nas palavras de Freire (2007, p. 50) “[...] o inacabamento do ser é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”.

EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

Falar em educação sensível é ir para além dos conteúdos e das metodologias pedagógicas, é falar de uma educação dos sentidos, é compreender a completude do ser, é muito mais que a funcionalidade habitual do corpo, como ver, sentir, comer, ouvir, cheirar e pensar, é o saber fazer, o como fazer essas coisas que fazemos corriqueiramente e sentir prazer nelas. A educação sensível nos provoca a reflexão no sentido de compreender que sensibilidade e cognição são indissociáveis, pois a formação da personalidade humana é basicamente razão e emoção; a razão está relacionada com a inteligência, o cognitivo, a relação do ser com o externo; a emoção relaciona-se com a construção da própria pessoa, por isso dizer que razão e sensibilidade estão íntima e dialeticamente relacionadas, ambos movem os sujeitos nas suas construções do conhecimento, as emoções dão sentido às aprendizagens.

Como afirma Marina (ARANTES, 2003, p. 7):

Os sentimentos modificam o pensamento, a ação e o entorno; a ação modifica o pensamento, os sentimentos e o entorno; o entorno influi nos pensamentos, nos sentimentos e na ação; os pensamentos influem no sentimento, na ação e no entorno.

Por muito tempo e ainda em nossos dias, nos deparamos com concepções dualistas do sujeito, a escola divide a criança em duas metades: a cognitiva e a afetiva. Sendo a cognitiva a mais importante, com foco nos resultados, as provas Brasil, PNAIC, vestibulares da vida, que visa o acúmulo de informações na cabeça que logo serão esquecidos, não se preocupando com o indivíduo. Não é o caso de se dar mais importância a um em detrimento do outro, mas promover o equilíbrio com uma educação para a sensibilidade, humana, cativante, crítica e reflexiva.

Galvão, (2003, p. 71) destaca na fala de Wallon onde o mesmo afirma que o professor deve enxergar a criança em sua totalidade, motor, afetividade, inteligência e as relações que estabelece com o meio, ou seja, cabeça, corpo e emoção. Vygotsky (1993) e Piaget (1974) compartilham da ideia de que emoção e razão estão intrinsecamente ligados.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido. De igual modo quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influencia inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra sua desnecessária e impotente (VYGOTSKY, apud OLIVEIRA, 1993, p. 25).

Piaget (1974) destaca interrelação da cognição e afetividade, para ele os conhecimentos são construídos nessa interação.

O advento da representação, devido à função semiótica, é, com efeito, tão importante para o desenvolvimento da afetividade e das relações sociais quanto o é para o desenvolvimento da afetividade e das relações sociais quanto o é para o das funções cognitivas: o objeto afetivo sensório-motor não passa de um objeto de contato direto, que não se pode evocar durante as separações. Com a imagem mental, a memória de evocação, o jogo simbólico e a linguagem, o objeto afetivo está, pelo contrário, sempre presente e sempre atuante, até em sua ausência física e esse fato fundamental acarreta a formação de novos afetos sob a forma de simpatias e antipatias duradouras, no que concerne a outrem, e de consciência e valorização duradouras no que concerne ao eu (PIAGET, apud SOUZA, 1974, p. 97).

A falta de afeto provoca o desinteresse, a apatia, conseqüentemente a aprendizagem fica comprometida. Dessa forma, a presença do professor é de absoluta importância, pois ele é quem faz a mediação entre o educando e o conhecimento, é ele quem prepara o ambiente para a recepção e permanência desse aluno em sala, seja a criança, o jovem ou o adulto. É o professor de forma sensível quem planeja suas atividades de forma que se respeite cada indivíduo. Assim, cultivam-se relacionamentos, estabelecem-se vínculos afetivos, ampliam-se os conhecimentos, desenvolve-se a criticidade e a sensibilidade de forma que se complementem e não se dividam.

Quando se fala em estabelecer vínculos afetivos, não se trata de vínculos de amizade, o que não impede de acontecer, mas quer dizer que a relação professor/aluno é baseado no respeito, no afeto e companheirismo, um bom relacionamento proporciona um bom rendimento no que diz respeito à segurança do aluno em expressar suas



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

dúvidas, curiosidades, participação nas atividades propostas. Um professor sensível consegue motivar e se sentem mais motivados a ensinar e aprender. É importante frisar que o fato de o professor estabelecer vínculos afetivos com seus alunos, afete sua seriedade docente, mas significa uma maneira autêntica de selar o seu compromisso com os educandos numa prática humana, Freire (2007).

Uma educação do sensível tem o aluno como a razão do fazer docente, ou seja, o educador pensa, planeja para o seu educando, a sua práxis consubstancia quando ela incentiva e oportuniza aos seus educandos como agentes do processo, a construção de conhecimentos e relacionamentos pelo qual desenvolve a criticidade, a sensibilidade na sua formação humana de modo que o inteligível e o sensível se complementam.

Em tempos de correria, avanços tecnológicos, enxurradas de informações, sabe-se de muitas coisas, mas não profundamente, e, nesse mesmo caminho estão as relações humanas, extremamente superficiais, há ânsia do ter frente ao ser, em muitas ocasiões o ser humano se confundem com robôs, frios e rígidos. Com uma realidade tão difícil, uma pergunta é inevitável. Como formar um professor sensível, humano, que tenha um desenvolvimento pessoal crítico-reflexivo se esse mesmo sujeito está inserido e mergulhado nessa sociedade imediatista? Mas uma coisa é bastante urgente, a formação docente precisa contribuir para que os professores se desenvolvam e cresçam como seres humanos, que se comprometam com os alunos, a educação e a escola, que os façam refletir criticamente sobre a sua formação e a suas práticas, que compreendam como marcam a vida de um aluno positiva ou negativamente. Como nos conta Freire em seu relato.

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavras, balançava a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu. (FREIRE, 2007, p. 43).

A ação de refletir sobre a sua formação permite ao professor vislumbrar que teoria e prática se correlacionam, não cai no discurso de que “a prática é muito diferente



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

do que ensinam as universidades”, pois de outra forma acabaria engolido pelo sistema, mas, o refletir sobre a sua formação também é compreender que a formação inicial é “inicial”, o educador está em contínua formação, mais uma vez a ideia da incompletude de Freire.

A formação do profissional educador precisa proporcionar a estes experiências que lhes sejam capazes de fortalecer ou ainda despertar a imaginação, a criatividade, a sensibilidade, a capacidade de escuta e de diálogo, viver os assombros das descobertas, pois com isso surgem os “porquês” que segundo Alves (2018, p. 85), o pensamento crítico se inicia nos olhos assombrados, pensar é saber fazer perguntas.

É preciso viver essa formação, sentir para ensinar a sentir, se encantar para encantar, brincar para brincar, refinar os sentidos, talvez pareça piegas, mas não devemos esquecer que se trata de uma construção/reconstrução do ser humano que formará outro ser humano. E que humano se quer formar? A resposta dessa pergunta começa na definição de que ser humano me constitui. Nessa constituição, o ver e o ouvir são extremamente importantes para os outros sentidos.

Alves (2018) diz que ver não é coisa natural e deve ser aprendida e que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. O ver implica primeiro o se perceber para perceber o outro, eu me vejo e depois te vejo, nada é mais tão simplista, mas o entorno se torna um assombro de possibilidades, se o é para o professor, imagina para o aluno. Drummond com um olhar diferente fez uma pedra virar poesia.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra. (ANDRADE, 2013, p. 36)

Tão importante quanto o ver, é o escutar. Todos querem ser ouvidos, da criança ao adulto, o aprender escutar não está nos currículos, mas o professor precisa se dedicar em ouvir seus alunos, uma boa escuta faz a inteligência desabrochar.

Para Alves (2018), os professores além de se preocuparem em falar claro, deveriam da mesma sorte, se dedicarem em escutar claro, [...] “a escuta bonita é um bom colo para uma criança se assentar”. Freire (2007) diz ainda que: “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. Uma boa escuta gera uma fala democrática que respeita a



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

formação integral do ser humano, aceita e respeita as diferenças. Freire (2007, p. 120) afirma que:

Não é difícil perceber como há umas tantas qualidades que a escuta legítima demanda do seu sujeito. Qualidades que vão sendo construída na prática democrática de escutar. [...] Deve fazer parte da nossa formação discutir quais são estas qualidades indispensáveis, mesmo sabendo que elas precisam ser criadas por nós, em nossa prática, se nossa opção político-pedagógica é democrática ou progressista e somos coerentes com ela. É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.

Cabe reafirmar que todo o nosso entorno passa a ter significado quando primeiramente nos é apresentado como objeto sensível, um professor atento não fará a dissociação entre o inteligível e o sensível. Através da sensibilidade, o professor conseguirá mediar a relação aluno/objeto afetivamente. Nesse sentido Freire (2007) afirma que o querer bem é uma maneira autêntica de selar o compromisso com os educandos numa prática específica do ser humano e que não há separação entre a seriedade docente e a afetividade, mas, " [...] não posso obviamente permitir que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade". Ou seja, a afetividade está relacionada com o respeito ao educando e não a uma parcialidade ou favoritismo, pois isso não é respeito.

A ludicidade na formação do futuro educador permite o autoconhecimento, seus limites e possibilidades, para quando estiver atuando em sala de aula. Quanto mais o professor vivenciar o lúdico, mais crítico, criativo e reflexivo será, maior será o seu conhecimento e maior a chance de sucesso na sua prática pois permitirá um planejamento mais adequado. Kishimoto (2009):

O brincar é importante por duas razões: para a criança, o brincar é importante para a expressão de seus interesses e a comunicação com outros e, para o adulto, o brincar é importante para observar o objeto ou situação de interesse da criança e, posteriormente, planejar atividades que de fato representem situações que envolvem a criança. [...] O primeiro passo da educação é a descoberta do que a criança gosta, seus interesses, o que já sabe e o que gostaria de saber. O brincar é excelente recurso para observação dos interesses e ações da criança. Pelo brincar, a criança evidencia saberes e interesses, além de propiciar condições para aprendizagens incidentais.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

O lúdico permite ao professor criar situações em sala de aula onde o aluno possa fazer indagações, e assim construir o seu conhecimento.

O desenvolvimento pessoal funda-se em um processo de auto descoberta, onde cada qual tende a tomar consciência do que sabe fazer e do que tem dificuldade, como pode potencializar aquilo que faz bem e conviver, ou diminuir, com afeitos daquilo que tem menos habilidades. O processo de comparação pode ser doloroso, porém é eficaz e, às vezes, inevitável. Porém, atividade lúdica pode compor este processo de comparação de forma agradável, divertida e em um clima de camaradagem. Quando a criança joga, ela percebe suas possibilidades e a dos companheiros. (DHOME, 2003, p. 124-125).

Vygotsky (1984, p. 114) aponta ainda que as brincadeiras:

Cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando os seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel na brincadeira e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas pelo brincar, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação e moralidade.

Um curso que contemple uma formação lúdica dará base ao educador para que se compreenda o brincar como uma necessidade humana em qualquer fase etária e através da qual se assimila a dinâmica do viver em sociedade e que, portanto facilita o desenvolvimento pessoal, social e cultural (SANTOS; CRUZ, 1997).

Uma formação lúdica fornece ainda aos educadores competências que somente as teorias não seriam suficientes, assim como somente a prática não teria sentido, pois a formação teórica nos permite perceber na prática o desenvolvimento e a aprendizagem de cada educando. Dessa forma compreende-se que a formação do educador também precisa ser de forma integral, razão/emoção, para compreender a formação integral do seu aluno. Há a necessidade de experienciar os sentimentos de alegria, medo e os desafios que as brincadeiras proporcionam, é preciso brincar para brincar.

O adulto que volta a brincar não se torna criança novamente, apenas ele convive, revive e resgata com prazer a alegria do brincar, por isso é importante o resgate desta ludicidade, a fim de que se possa transpor esta experiência para o campo da educação, isto é, a presença do lúdico (SANTOS; CRUZ, 1997, p. 14).

O fato de o professor buscar na ludicidade meios que proporcionem aos seus alunos um aprendizado mais prazeroso não significa que abriu mão da seriedade e da disciplina, como bem vimos até aqui, o brincar é coisa séria, o brincar é ciência, é



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

desafiador e requer do profissional da educação muito estudo e dedicação e sensibilidade, pois nas brincadeiras, se constroem relacionamentos saudáveis, estreitam laços, o professor ainda que sério, tem um semblante leve e amigável ao ensinar, e, como afirma Alves (2018), cara feia não combina com brinquedo.

Ao refletirmos sobre o professor sensível, a mente de sujeitos criativos e contextualizar um sentido mais amplo de educação dos sentidos, temos que considerar que o papel do brincar, dos jogos e da ação fraternal entre os diversos sujeitos e suas peculiaridades proporcionam o diferencial no ato educativo. O ato educativo é o montante de ações, reflexões e novas ações no processo pedagógico, é ouvir e falar em tempos e espaços que a dialogicidade transforma e forma novas concepções de mundo, de humanidade e de sororidade entre povos.

A ludicidade transpõe de forma transversal o trabalho docente, seja na educação formal ou não-formal, mas que estabelece sentidos sensíveis, estéticos e contemplativo, fazendo assim com que o sujeito que está imerso no contexto educativo tenha uma formação ampla, caleidoscópica, no sentido das diferentes formas que se pode ver o mesmo objeto/mundo ao nosso redor.

Essa pesquisa objetivou apresentar uma construção do referencial teórico que se articula com o estudo empírico, que explora e contextualiza o possível da educação humanizadora imbricada com a ludicidade enquanto ação pedagógica transversal no processo de ensino.

Considera-se que uma pesquisa para se concretizar, precisa abarcar o máximo de referenciais, teorias, informações e conhecimentos que aproximem o pesquisador do seu objeto e problema de pesquisa, nesse sentido, quando enfatizamos aqui Ruben Alves, Kishimoto, Freire dentre outros autores que nos levam a refletir sobre a formação humanizadora, sensível e com uma gama de ações criativas e envolvidas pelo prazer e amorosidade, possivelmente teremos um outro processo de formação.

Além da seleção bibliográfica para dar base para a pesquisa, investigamos se e como os estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus do Pantanal (UFMS/CPAM) compreendem a importância da ludicidade e da humanização e se tem vivido situações acadêmicas que contribuam para o seu processo formativo. Essa investigação se deu a partir de entrevistas semiestruturadas, com um grupo de quatro estudantes do curso, do 2º, 4º, 6º e 8º semestres (como



havíamos destacado introdutoriamente no começo deste periódico), regularmente matriculados no segundo período de 2019. A escolha dos entrevistados ocorreu de forma aleatória. Os (as) entrevistados (as) assinaram um Termo de Consentimento para essa pesquisa, e, foi esclarecido que suas identidades seriam preservadas, para tanto, criamos códigos para garantir sua privacidade, a saber: EA (Estudante A), EB (Estudante B), EC (Estudante C), ED (Estudante D). As entrevistas foram registradas com o auxílio de gravador de áudio e transcritas para posterior análise.

As análises dos dados se deram de forma comparativa e reflexiva tendo em vista os objetivos propostos e a complementação às literaturas.

Os dados obtidos nas entrevistas para melhor análise, foram divididos em categorias relevantes para a pesquisa segundo os questionamentos feitos: 1) memórias escolares e perspectiva de formação; 2) compreensão do lúdico e da humanização do professor; 3) aspectos considerados significativos para um educador sensível; 4) experiências acadêmicas e a valorização de sua formação.

Os depoimentos são relatos vividos pelos (as) estudantes de pedagogia ao longo de suas vidas que contribuíram e contribuem para a constituição deste futuro profissional da educação. As falas apresentam convergências no que tange ao educador sensível. Para as análises usamos trechos das entrevistas que remetem a compreensão do lúdico e do sensível no processo formativo desses atores.

1) MEMÓRIAS ESCOLARES E PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO

As lembranças escolares dos (as) acadêmicos (as) fazem com que muitos elementos significativos do processo formativo docente sejam recordados e refletidos, os olhares para as metodologias empregadas, o cuidado, os castigos, o lúdico, fazem repensar sua construção profissional.

A partir dos depoimentos de EA, EC e ED, podemos perceber que os (as) estudantes identificam em suas vivências escolares práticas autoritárias.

Essas memórias fazem refletir as práticas atuais, pensar sobre a formação e compreender seu inacabamento, sempre é possível mudar suas ações. Libâneo (2005, p. 76) diz que somente a reflexão e a experiência não resolvem, é necessária uma mudança sólida de cultura do modo de fazer, que melhore a capacidade reflexiva do professor que refletirá em seu trabalho.



[...] ficávamos de castigo [...] mudei de escola de novo [...] tinha um menino que pegava no meu pé. [...] E tipo assim, nesse caso do menino que ficava me zoando, tipo mostrar pra ele que estava errado e não ficar quieto ou “não fala” isso e chega, mostrar porque tava errado, porque não era certo fazer isso, acredito que seja mais ou menos isso. Eu vou buscar trazer isso, tentar trazer o máximo todos os alunos pra perto, tentar abraçar todos eles, sem deixar de lado ninguém. (EA).

[...] a preocupação de que as crianças tivessem esse pequeno aprendizado, se estavam brincando no coletivo, se preocupava em não deixar aquela criança sozinha, do que eu pouco lembro. (EB)

Eu lembro no pré que nós ainda tínhamos castigo. (EC).

Quando eu era primeira série, lembro bastante da caligrafia [...] lembro da professora de História de uma forma negativa, que eu lembro que além dela gritar, ela vinha no corredor, a gente já tinha medo dela e quando ela entrava ela já gritava pra gente ficar quieto. (ED).

2) COMPREENSÃO DO LÚDICO E DA HUMANIZAÇÃO DO PROFESSOR

Segundo Santos e Cruz (1997, p. 12), a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade, facilita a aprendizagem, o desenvolvimento social, cultural, facilita a comunicação, expressividade, à construção de conhecimentos.

Ludicidade, pra mim sinceramente era coisa de louco, brincadeira, mas parecia mesmo. Porém quando eu entrei aqui na faculdade, participando das primeiras semanas de calouro, das palestras, das reuniões, verifiquei e aprendi a cada informação, a cada palestra que ludicidade era essencial para o ensino. Primeiro porque se eu tivesse na minha época aprendido de uma forma de uma brincadeira, de uma forma de um jogo a matemática, garanto que hoje seria uma excelente estudiosa em matemática. Através da ludicidade você pode ensinar a criança, não só a criança como o adulto a lher com as situações cotidianas como a conta, a contar, você ensinar até a alfabetização e letramento com a criança na educação infantil, você trabalhar também com os adultos de uma forma mais..., tipo assim, encantadora, você atrai a atenção desse adulto pra que ele compreenda o assunto, porque ele já está cansado, já não tem paciência, está se sentindo inferiorizado por não saber ler,



escrever, então a ludicidade ajuda muito na alfabetização e letramento, ajuda muito nesse ensinar, nesse aprendizado com o aluno. (EB)

O aluno participa dessa construção, ele é autor do seu aprendizado, o docente em formação precisa entender e vivenciar o brincar dando-lhes oportunidades, possibilidades de criação e mudar paradigmas tradicionais construídos a partir de experiências escolares negativas. EB identifica a importância de uma boa formação, um professor muito bem preparado, está sensível para as dificuldades do seu aluno, seja criança ou adulto.

Uma educação afetiva, sensível, tem o aluno como foco das práticas educativas, considerando-o como um ser que sente e pensa, não se trata de uma educação permissiva, mas sim baseada no respeito e confiança.

3) ASPECTOS CONSIDERADOS SIGNIFICATIVOS PARA UM EDUCADOR SENSÍVEL

De acordo com os resultados obtidos no questionário, os aspectos considerados mais significativos a um educador sensível são: a empatia, o olhar sensível, um bom ouvinte. As respostas estão relacionadas ao relacionamento interpessoal professor/aluno, mas com uma visão externa, não com um olhar para si como educador sensível em formação. A reflexão sobre a sua identidade e da prática exige sensibilidade, é enxergar possibilidades, o real e não o ideal. No depoimento de ED verifica-se um conceito simples a respeito do educador sensível, mas uma preocupação em repensar constantemente suas ações, realizar uma autoavaliação.

É você ter empatia, de pensar no outro, de pensar no seu aluno. [...] é ter um olhar sensível [...] todos os dias temos que evoluir como ser humano, todos os dias eu penso: Como eu faço pra ser melhor que hoje? (ED)

4) EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E VALORIZAÇÃO DE SUA FORMAÇÃO

A importância de ter o lúdico na formação, vou falar pela experiência do PIBID. Eu faço PIBID já faz alguns meses já, eu assumo uma série da 1ª série do ensino fundamental I, e vejo como é importante você ter essa diferenciação na sua aula, você dar uma aula que foge um pouco do tradicional, do que você passar no quadro, fazer com que o aluno apenas copie, que ele memorize, entendeu? A ludicidade ela é



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

importante porque ensina e atrai o olhar dessa criança principalmente nessa experiência com a primeira série, eles ficam mais curiosos em querer aprender, tem uma facilidade pra eles aprenderem porque através do jogo, das cores, das figuras, da música, das histórias e até mesmo que eles criem através das suas dificuldades uma história pra que você trabalhe esse contexto com eles. [...] levo isso pras minhas intervenções. (EB)

Eu tenho uma experiência humanizadora aqui na universidade em relação a uma professora de língua portuguesa. Eu não conseguia fazer um dos trabalhos que pra mim naquele momento estava sendo muito difícil muito difícil mesmo, eu não consegui fazer naquele dia, eu lembro que chorei bastante, ela me chamou e falou: “Você vai conseguir, eu vou te dar oportunidade”. Me lembro bastante disso porque nunca nenhum professor tinha feito aquilo. Ela disse: “Você é capaz, assim como você, eu já passei por isso e você nunca pode abaixar a cabeça diante de uma dificuldade, mas você tem que enfrentar, eu vou te dar mais uma oportunidade de você refazer o trabalho e mostrar que você é capaz, porque pra mim você é capaz.” [...]. Hoje eu saindo da universidade, eu vejo como eu quero ser. Quero ser a professora que eu nunca tive. (ED)

São duas falas carregadas de significados. EB destaca o trabalho com várias linguagens no PIBID e percebe a alegria das crianças em aprender, é importante salientar que o lúdico não é a abolição do quadro, pois este é uma ferramenta de uso do professor, o lúdico não envolve somente materiais diferentes, mas a uma atitude diferente.

A experiência relatada por ED mostra como ela identifica um professor humanizado, note que a atitude da professora foi de incentivo, de reconhecer qualidades não percebidas pelo estudante, tal atitude trouxe reflexões de sua própria práxis.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante do exposto, vimos que uma formação sensível e humana gera docentes preocupados com uma educação emancipadora, que possibilite o criar, o sentir, o construir conhecimentos significativos através do lúdico. Uma formação que te provoca pensar fora da caixa, certamente te provoca refletir sobre a prática. Uma formação sensível contribui para o desenvolvimento de professores inteiros que enxerguem o



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

educando de forma integral. Para a formação de um educando crítico/reflexivo, um professor de igual modo crítico/reflexivo.

O constituir-se professor é um contínuo de vivências, sejam aquelas que nos trouxeram até aqui, aquelas que compõem a resposta da pergunta “Porque escolhi cursar Pedagogia?” Juntamente com as vivências que adquirimos durante a formação, que nos atravessa, nos toca, nos derruba e nos levanta, causa-nos um misto de sentimentos, mas são os nossos sentimentos, os nossos sentidos e o nosso intelecto formando e transformando quem somos hoje, e que agora nos leva mais adiante, nos leva a um “ser” e a um “permanecer” professora e professor mais humanos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos**: conversas sobre a aprendizagem e a vida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Alguma poesia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.
- ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- DHOME, Vânia. **Atividade lúdica na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GALVÃO, Izabel. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2003. p. 71-88.
- KISHIMOTO, Tizuko. Entrevista sobre **Brincar é diferente de aprender**. Portal do Professor: 27 abril 2009. Entrevista concedida ao Jornal do Professor. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=19&idCategoria=8>>. Acesso em: 18 Jun. 2019.
- LIBÂNEO, J.C. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2005.
- OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2003. p. 13-34.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 20. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2005.

SANTOS, S. M. P. dos; CRUZ, D. R. M da. O lúdico na formação do educador. In: SANTOS, S. M. P. dos (org.). **O lúdico na formação do educador**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SOUZA, Maria Tereza Costa Coelho de. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2003. p. 53-70.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.